

## ARTIGO ORIGINAL

# Estados de identidade de adolescentes em situação de acolhimento institucional

## *Identity Status of adolescents living in institutional shelters*



Eduardo Sales Brito<sup>1</sup>, Teresa Helena Schoen<sup>2</sup>, Márcia Regina Fumagalli Marteleto<sup>3</sup>, Nancy Ramacciotti de Oliveira-Monteiro<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Laboratório de Psicologia Ambiental e Desenvolvimento Humano, Universidade Federal de São Paulo; Rua Silva Jardim, 136 - Vila Mathias - Santos/SP - CEP: 11015-020.

<sup>2</sup>Departamento de Pediatria, Universidade Federal de São Paulo; Rua Botucatu, 715 - São Paulo/SP - CEP: 04023-901.

<sup>3</sup>Departamento de Saúde, Universidade Nove de Julho; Rua Vergueiro, 249 - São Paulo/SP - CEP: 01504-001.

<sup>4</sup>Departamento de Ciências do Mar, Universidade Federal de São Paulo; Rua Carvalho de Mendonça, 144 - Encruzilhada - Santos/SP - CEP: 11070-100.

**Corresponding author:**  
nancy.unifesp@gmail.com

*Manuscrito recebido: Abril 2017*  
*Manuscrito aceito: Outubro 2017*  
*Versão online: Dezembro 2017*

### Resumo

**Introdução:** O desenvolvimento de adolescentes que vivem fora do convívio familiar, por situação de acolhimento institucional, tem características peculiares nas interações estabelecidas em suas vidas cotidianas e na constituição de suas identidades. A teoria psicossocial de Erikson estuda o desenvolvimento da identidade observando a exploração e o compromisso. Os estados de identidade podem ser classificados em difusão, pré-fechamento, moratória e identidade estabelecida.

**Objetivo:** Avaliar os estados de identidade de adolescentes que vivem em situação de acolhimento institucional.

**Método:** Participaram 87 adolescentes (de 12 a 17 anos) em situação de acolhimento, que responderam ao Extended Objective Measure of the Ego Identity Status II (EOMEIS II), em aplicações individuais. Dados foram tratados de forma descritiva e inferencial pelas variáveis: sexo, faixa etária, escolaridade, e tempo de acolhimento.

**Resultados:** Houve prevalência do estado de difusão de identidade, em ambos os sexos, independentemente do tempo de escolarização, e a despeito do tempo de acolhimento. Houve diferença nos resultados considerando faixa etária ( $p=0,033$ ).

**Conclusão:** Os adolescentes mais velhos sinalizaram maiores prejuízos no desenvolvimento da identidade, com prevalência de estados mais negativos e imaturos de identidade, indicativos de despreparo para saída da instituição (aos 18 anos).

**Palavras-chave:** identidade, adolescência, acolhimento institucional, estados de identidade, EOMEIS II.

**Suggested citation:** Brito ES, Schoen TH, Marteleto MRF, Oliveira-Monteiro NR. Identity status of adolescents living in institutional shelters. *J Hum Growth Dev.* 2017; 27(3):315-321. DOI: <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.141279>

## ■ INTRODUÇÃO

No final da primeira década deste século, o número estimado de crianças e adolescentes moradores de instituições de acolhimento no mundo era de mais de oito milhões<sup>1</sup>. Documentos brasileiros de 2013 apontavam que havia, na região Sudeste do Brasil, 14.989 dessas crianças e adolescentes, distribuídos em 1.087 serviços de acolhimento institucional<sup>2</sup>. O Estado de São Paulo concentrava o maior número desses acolhidos.

Crianças e adolescentes que vivem em serviços de acolhimento institucional são considerados em situação de vulnerabilidade social. Vivendo fora dos cuidados das famílias, e mais do que isso, com históricos muito prejudicados nos vínculos familiares (em geral, o motivo da institucionalização), essas crianças e adolescentes estão sujeitos a fatores de risco ao seu desenvolvimento<sup>3</sup>.

Estudos nacionais e internacionais concordam nos apontamentos de prejuízos ao desenvolvimento na população de acolhidos<sup>4-7</sup>. Esses trabalhos verificaram prevalência de problemas psicológicos, prejuízos quanto à competência, e também dificuldades para adaptação à sociedade convencional depois que esses adolescentes acolhidos saem das instituições.

A adolescência é uma fase da vida humana caracterizada por grandes transformações e reorganizações que atingem diferentes domínios do desenvolvimento, em suas múltiplas dimensões<sup>8</sup>. Embora haja elementos próprios e comuns na passagem pela adolescência, esta envolve uma enorme diversidade<sup>9</sup>, mesmo dentro de uma cultura e momento histórico. As perspectivas dos indivíduos que estão inseridos num sistema ambiental problemático, como relacionamentos sociais descontínuos, lares desfeitos, negligência, abuso sexual ou físico, entre tantos, influenciam diretamente suas escolhas e suas condições de existência<sup>10</sup>. Essa é a situação comum em serviços de acolhimento.

Os serviços de acolhimento institucional são descritos pelo ECA<sup>11</sup> como equipamentos que devem oferecer proteção a crianças e adolescentes que tiveram seus direitos violados ou ameaçados e cuja convivência com a família de origem seja considerada prejudicial ao seu desenvolvimento. Apesar da característica da 'transitoriedade' ser prevista nos serviços de acolhimento, é frequente a permanência do acolhido por um longo período, tornando a instituição seu principal espaço referencial, onde são estabelecidos vínculos afetivos e sociais<sup>12</sup>.

No ambiente desses serviços, os jovens acolhidos vivem as tarefas psicossociais próprias da adolescência, que moldam grande parte do desenvolvimento de suas identidades<sup>13</sup>. É na etapa da adolescência que especialmente floresce o senso de identidade próprio, com a descoberta do que se deseja ser, o que se quer fazer da vida, que ocupações ou trabalhos são interessantes, com quem se quer compartilhar a vida, quais são os valores de maior importância - prerrogativas que formam bases para a subjetividade ao longo da vida<sup>13</sup>.

Erikson<sup>13</sup> postulou que o desenvolvimento da identidade ocorre ao longo da vida como um processo, mas que vem à ascensão, especialmente, durante a

adolescência. Esse autor entendia a adolescência como um período de 'moratória psicossocial', na qual são oferecidas aos indivíduos oportunidades para considerar escolhas (potenciais) de vida, sem ser esperado que esses indivíduos exerçam um trabalho por tempo integral, tenham um relacionamento romântico comprometido, ou se tornem pais - expectativas de tarefas evolutivas dos adultos, que são relativizadas por condições peculiares, de ordem pessoal, social, cultural e histórica.

Marcia sistematizou a teoria psicossocial de Erikson apresentando duas diferentes dimensões essenciais na formação da identidade pelo adolescente: exploração e compromisso<sup>14</sup>. Exploração é a dimensão relacionada a exames e reexames de escolhas de alternativas. Pela exploração, o adolescente pode experimentar diferentes alternativas, deparando-se com questões novas e/ou antigas a respeito de valores e distintas possibilidades. A dimensão do compromisso refere-se a escolhas relativamente firmes que se repetem e que serão guias de futuras ações (nos domínios interpessoal e/ou ideológico). O compromisso é medido pelo grau de investimento pessoal que o indivíduo possui e expressa com respeito a alternativas possíveis<sup>15</sup>.

A partir do interjogo dessas premissas de exploração e compromisso, relativas a domínios de ordem interpessoal e ideológico, Marcia<sup>14</sup> propõe quatro estados de identidade: difusão, pré-fechamento, moratória e identidade estabelecida<sup>16</sup>. No estado de moratória, o jovem encontra interesse em explorar vários tipos de alternativas, porém sem haver o estabelecimento de um compromisso para com elas. No estado de pré-fechamento, ocorrem compromissos 'precoces' sem exploração de alternativas; nesse estado, o adolescente compromete-se com escolhas seguindo metas direcionadas por adultos, em geral pais ou seus representantes externos. O estado de difusão de identidade é caracterizado por não haver interesse por explorar e nem se comprometer com escolhas. Já na identidade estabelecida, o jovem faz suas escolhas e persegue metas, ou seja, ele já explorou e chega a compromissos. Durante a adolescência haverá a passagem por esses quatro estados, e o processo de construção da identidade (do estado de difusão ou pré-fechamento, passando pela moratória até chegar à identidade estabelecida) ocorrerá, em geral, nos anos finais da adolescência.

González *et al.*<sup>17</sup> apresentam uma subdivisão desses estados de identidade em dois subgrupos: os estados 'ativos' ou 'maduros', e os estados 'passivos' ou 'imatuross'. Os estados de moratória e identidade estabelecida são ativos ou maduros, correspondendo aos estados mais desenvolvidos da identidade; eles são associados a características positivas, como bom nível de autoestima, autonomia e raciocínio moral. Já os estados de difusão e de pré-fechamento são considerados passivos ou imatuross, correspondentes aos estados iniciais do desenvolvimento da identidade; nos anos finais da adolescência, esses estados associam-se a características de maior fragilidade e/ou negatividade, como baixa autoestima e baixo raciocínio moral, além de maior grau de convencionalidade e de conformismo.

Vários estudos sobre estados de identidade vêm sendo realizados em diferentes culturas<sup>18-22</sup>. No Brasil, ainda há poucos trabalhos sobre o campo da identidade de adolescentes, em especial, sobre estados

de identidade<sup>15,16,23,24</sup>. Nessa circunscrição, insere-se este estudo que teve por objetivo avaliar estados de identidade numa amostra de adolescentes em situação de acolhimento institucional.

## ■ MÉTODO

A investigação teve características de pesquisa quantitativa, transversal, descritiva e correlacional.

### Participantes

Foram participantes do estudo 87 adolescentes, de 12 a 17 anos (Média=14,7; DP=1,24), que viviam em 11 diferentes instituições de acolhimento institucional em municípios da Baixada Santista (SP), tanto públicas como privadas (ONGs). A amostra foi constituída por critérios de conveniência e de acessibilidade, o que a caracterizou como não probabilística e intencional. Dentre os investigados, 35 (40,23%) eram meninas e 52 (59,77%) meninos; 40 (45,98%) tinham de 12 a 14 anos e 47 (54,02%), de 15 a 17 anos. Do total dos participantes, 36 (41,38%) tinham permanência institucional menor que dois anos e 51 (58,62%) estavam acolhidos há mais de dois anos. Quanto à escolaridade dos adolescentes, 23 (26,44%) cursavam até o 7º ano do ensino fundamental e 64 (73,56%) cursavam o 8º ou 9º anos do ensino fundamental, ou estavam no início do ensino médio. Sete adolescentes do subgrupo dos mais velhos (15-17 anos) tinham escolaridade até o 7º ano do ensino fundamental, o que indicava atraso escolar.

### Instrumento

Para o levantamento dos estados de identidade dos adolescentes investigados foi utilizado o Extended Objective Measure of the Ego Identity Status II (EOMEIS II)<sup>25</sup>, uma escala de origem norte-americana, que avalia estados de identidade. Com validação em diversos países<sup>26</sup>, é um dos instrumentos mais utilizados em estudos sobre identidade<sup>15</sup> em adolescentes e em adultos jovens. O EOMEIS II abrange dois domínios: o ideológico e o interpessoal. Os respondentes valoram 64 itens em uma escala tipo Likert de seis pontos, desde 'discordo totalmente' até 'concordo totalmente'. A versão utilizada para esta pesquisa foi a adaptação semântica brasileira do EOMEIS II<sup>22</sup>, com os pontos de cortes adotados para a amostra paulista<sup>15</sup>. A somatória das respostas assinaladas pelo indivíduo permite ao pesquisador traçar o estado de identidade (difusão de identidade, moratória, pré-fechamento ou identidade estabelecida) em que os respondentes estavam no momento em que preencheram a escala. O instrumento demora aproximadamente 30 minutos para seu preenchimento total.

## ■ RESULTADOS

Os dados descritivos sobre os estados de identidade mostraram uma prevalência do estado de difusão de identidade, com 63,20% do total dos adolescentes da amostra, seguido pelo estado de moratória (21,80%), de pré-fechamento (11,50%), e de identidade estabelecida (3,50%).

A análise inferencial mostrou que não houve

### Procedimentos

O estudo seguiu normas éticas de pesquisa com seres humanos, tendo sido aprovado pelo CEP-UNIFESP (nº 30478714.1.0000.5505). Foram realizados contatos pessoais com a direção de diferentes instituições de acolhimento de municípios da Baixada Santista (SP), para exposição da proposta da pesquisa. Após os aceites, foram colhidas as assinaturas dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLEs) pelos responsáveis institucionais dos adolescentes. O contato com os adolescentes foi realizado mediante apresentação da proposta da pesquisa e convites para participação. Os adolescentes que concordaram em participar do estudo assinaram o Termo de Assentimento. Antes da aplicação do EOMEIS II, foram levantadas informações sobre os participantes: seus nomes, as datas de nascimento, tempo em instituição de acolhimento, ano escolar que estavam cursando e condições de contato com membros da família.

As aplicações ocorreram individualmente, conduzidas pelo primeiro autor deste artigo, sendo realizadas nas próprias instalações das instituições de acolhimento, em locais com privacidade, em dias e horários previamente combinados com os adolescentes e com as equipes técnicas. O levantamento ocorreu em forma de entrevista para minimizar efeitos de possíveis dificuldades de leitura e compreensão das afirmativas do EOMEIS II. O tempo médio de aplicação foi de 45 minutos.

Os resultados no EOMEIS II foram analisados pelas variáveis: sexo, faixa etária (12-14 anos/15-17 anos), escolaridade (até o 7º ano/acima do 7º ano) e tempo de acolhimento (até dois anos/mais de dois anos). Após a composição de um banco dos dados, foram feitas análises descritivas e inferenciais com uso do software Statistical Package for Social Sciences (SPSS). A análise inferencial foi feita com uso do Teste Exato de Fisher (com nível de significância de 0,05) para verificar a significância entre as variáveis, e os estados de identidade. As medidas descritivas para as variáveis independentes em relação aos estados de identidade foram feitas a partir de uma comparação binária entre elas.

diferenças significativas para a maioria das variáveis comparadas. Apenas foi indicada diferença significativa ( $p=0,033$ ) entre adolescentes mais velhos e mais novos, nos resultados de estados de identidade. A Tabela 1 mostra que, nos adolescentes mais novos (12-14 anos), houve o predomínio do estado de difusão (50%). Também dentre os adolescentes mais velhos (15-17 anos), houve grande

predominância (74,5%) desse mesmo estado.

Conforme a Tabela 1 pode-se verificar uma predominância do estado de difusão para os meninos e meninas da amostra. Três meninos foram identificados no estado de identidade estabelecida.

Apresentando dados quanto à variável escolaridade,

a Tabela 1 indica que também houve predominância de adolescentes no estado de difusão, sem relação com os anos de estudo. Por sua vez, o estado de difusão de identidade também ficou indicado, a despeito do tempo que o adolescente estava em situação de acolhimento (acima ou abaixo de dois anos).

**Tabela 1:** Distribuição da amostra por estado de identidade e faixa etária, sexo, escolaridade e tempo de acolhimento

	Difusão	Pré-fechamento	Moratória	Identidade estabelecida	Total
<b>Faixa etária<sup>(1)</sup></b>					
12 a 14 anos	20	8	11	1	40
	50%	20%	27,5%	2,5%	100%
15 a 17 anos	35	2	8	2	47
	74,5%	4,3%	17,0%	4,3%	100%
<b>Sexo<sup>(2)</sup></b>					
Feminino	19	6	10	0	35
	54,30%	17,14%	28,56%	0%	100%
Masculino	36	4	9	3	52
	69,20%	7,70%	17,30%	5,80%	100%
<b>Escolaridade<sup>(3)</sup></b>					
Até o 7° ano	16	4	3	0	23
	69,60%	17,40%	13%	0%	100%
Acima 7° ano	39	6	16	3	64
	60,90%	9,40%	25%	4,70%	100%
<b>Tempo de acolhimento<sup>(4)</sup></b>					
Até 2 anos	24	6	6	0	36
	66,7%	16,7%	16,7%	0%	100%
Acima de 2 anos	31	4	13	3	51
	60,8%	7,8%	25,5%	5,9%	100%
<b>Total</b>	<b>55</b>	<b>10</b>	<b>19</b>	<b>3</b>	<b>87</b>
	63,2%	11,5%	21,8%	3,4%	100%

(1)  $p=0,033$ ; (2)  $p=0,152$ ; (3)  $p=0,383$ ; (4)  $p=0,276$

## DISCUSSÃO

A amostra estudada apresentou maior número de adolescentes no segmento etário de 15 a 17 anos, com diferentes condições quanto a tempo de acolhimento, e em diferentes (11) e diversificadas (em suas características) instituições de acolhimento da Baixada Santista (SP). Embora constituída pelos critérios de conveniência e acessibilidade, essa amostra apresentou características semelhantes às de outras pesquisas brasileiras com adolescentes em acolhimento institucional. Num estudo realizado em Porto Alegre (RS) com adolescentes acolhidos, por exemplo, também houve maior número de meninos<sup>12</sup>, e a média da idade dos participantes (15 anos) foi semelhante à deste trabalho (14,7 anos).

O tempo de acolhimento dos adolescentes investigados nesta pesquisa variou de algumas semanas até dez anos, situação também presente no estudo de Gonzalez *et al.*<sup>12</sup>. Igualmente Silva<sup>26</sup> identificou tempo de permanência institucional que ultrapassava ao legalmente estipulado (até dois anos), em mais da metade das crianças

e adolescentes que pesquisou (52,6%). Dados de 2011, apontados no Levantamento Nacional das Crianças e Adolescentes em Serviços de Acolhimento<sup>27</sup>, mostravam que, na região Sudeste, o tempo máximo de acolhimento chegava a 17,6 anos. Esse tempo maior de dois anos de acolhimento afronta determinações do ECA<sup>11</sup> quanto ao prazo máximo para a institucionalização em acolhimento. Da amostra aqui estudada, 31% dos adolescentes viviam há mais de dois anos em instituições de acolhimento.

Conforme a classificação de González *et al.*<sup>17</sup>, os estados de difusão e pré-fechamento são considerados de polo negativo, ou passivos. O estado de identidade encontrado na maior parte dos adolescentes investigados foi o de difusão (63,20%), mas o destaque negativo dos estados de identidades foi verificado nos adolescentes mais velhos da amostra (57,4% no estado de difusão e 19,1% no de pré-fechamento). Esses resultados diferiram do encontrado em outros trabalhos que apuraram estados de identidades de adolescentes, com verificação da

prevalência do estado de moratória<sup>15,26</sup>, tido como um estado mais maduro e ativo na adolescência.

O estado de difusão da identidade é caracterizado por baixo compromisso e ausência de exploração em diferentes domínios. No final da adolescência<sup>11</sup>, esse estado de difusão pode representar o fracasso em chegar a um comprometimento depois de um período de exploração<sup>14,16,17</sup>, ou mesmo, prejuízos nas explorações. Alguns jovens não sentem necessidade e/ou desejo de explorar alternativas, outros não possuem condições favoráveis para tanto, o que parece ter sido a situação dos investigados. A difusão de identidade, num estágio mais avançado da adolescência representa padrões de apatia, desinteresse, dificuldades nos papéis sociais e nos seus próprios sentimentos<sup>13</sup>.

Como colocado, quando os adolescentes acolhidos completam 18 anos, são obrigatoriamente desligados da instituição de acolhimento. Dessa maneira, esses estados imaturos de identidade encontrados nos adolescentes mais velhos (pré-fechamento e difusão) apontam para inquietações. Sem adequado suporte familiar, e em situação de vulnerabilidade social (por insuficiência de renda, dificuldades para empregabilidade e para habitação), a saída do serviço de acolhimento vai exigir forças e recursos internos desses jovens para o enfrentamento das vicissitudes da adaptação fora dos muros da instituição, e entrada da vida adulta<sup>6</sup> - recursos pouco indicados na verificação de seus estados de identidade.

Vários dos adolescentes que estavam com saída da instituição prevista com maior brevidade tinham atrasos escolares, prejuízo também apontado no Levantamento

Nacional de Crianças e Adolescentes em Serviços de Acolhimento, publicado em 2011<sup>27</sup>. Para os jovens brasileiros sem déficits em escolaridade, em termos gerais, os anos finais da adolescência coincidem com o período de conclusão dos anos do ensino médio e encaminhamentos para o ensino superior, ou cursos técnicos - situação não encontrada nos pesquisados neste trabalho, com indicativos de despreparo em competências necessárias à entrada no mercado de trabalho.

Procurando avaliar estados de identidade em adolescentes que viviam em serviços de acolhimento institucional, e abarcando fronteiras conceituais sobre a adolescência e o desenvolvimento da identidade, este trabalho buscou contribuir para estudos sobre adolescentes que vivem num contexto peculiar de situação de vulnerabilidade social, o de crianças e jovens não criados e cuidados por suas famílias. Visto limites de ordem metodológica, o estudo não almeja generalizações, mesmo que endosse resultados de outras investigações na verificação de problemas de desenvolvimento em adolescentes acolhidos, destacados aqui os do desenvolvimento da identidade.

Sugere-se a continuidade de pesquisas sobre estados de identidade de adolescentes e também de jovens adultos em condições de vulnerabilidade social, de forma a melhor nortear as intervenções necessárias à promoção do seu desenvolvimento positivo. A ampliação do conhecimento sobre as dificuldades de desenvolvimento de adolescentes acolhidos poderá ser um alerta para o estabelecimento e incremento de ações específicas voltadas à essa população em vulnerabilidade social, no âmbito da saúde pública.

## ■ CONCLUSÃO

O estado de difusão de identidade foi prevalente nos adolescentes acolhidos investigados. O sexo, o tempo de acolhimento (menor ou maior que dois anos) e a condição de escolaridade (até do 7º ano ou maior que 7º ano) não indicaram ter influência no estado de identidade.

Por sua vez, os adolescentes mais velhos, próximos do desligamento dos serviços de acolhimento, sinalizaram maiores prejuízos no tocante ao desenvolvimento da identidade.

## ■ REFERÊNCIAS

1. Save the Children. Keeping children out of harmful institutions: Why we should be investing in family-based care. Londres: 2009. [cited 2017 Jan 21]. Available from: [https://www.savethechildren.org.uk/sites/default/files/docs/Keeping\\_Children\\_Out\\_of\\_Harmful\\_Institutions\\_Final\\_20.11.09\\_1.pdf](https://www.savethechildren.org.uk/sites/default/files/docs/Keeping_Children_Out_of_Harmful_Institutions_Final_20.11.09_1.pdf)
2. Brasil. Conselho Nacional do Ministério Público (CNPMP). Um olhar mais atento aos serviços de acolhimento de crianças e adolescentes no País: Resolução nº 71/2011. Brasília: CNPMP; 2013.
3. Tottenham N. Risk and developmental heterogeneity in previously institutionalized children. *J Adolesc Health*. 2000;51(2 Suppl.):S29-33. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jadohealth.2012.04.004>
4. Fernandes AO, Oliveira-Monteiro NR. Psychological indicators and perceptions of adolescents in residential care. *Paidéia*. 2016;26(63):81-9. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-43272663201610>
5. Marinkovic JA, Backovic D. Relationship between type of placement and competencies and problem behavior of adolescents in long-term foster care. *Child Youth Serv Rev*. 2007;29(2):216-25. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.childyouth.2006.08.004>
6. Naqshbandi M, Sehgal R, Hassan F. Orphans in orphanages of Kashmir "and their psychological problems". *Int NGO J*. 2012;7(3):55-63. DOI: <http://dx.doi.org/10.5897/INGOJ12.016>
7. Oliveira-Monteiro NR, Nascimento JOG, Montesano FT, Aznar-Farias M. Competência, problemas internalizantes e problemas externalizantes em quatro grupos de adolescentes. *Psico-USF*.



- 2013;18(3):427-36. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712013000300009>
8. Organização Mundial da Saúde (OMS). Health for the world's adolescents: A second chance in the second decade. Geneva: World Health Organization; 2014. [cited 2017 Jan 21]. Available from: [http://apps.who.int/adolescent/second-decade/files/1612\\_MNCAH\\_HWA\\_Executive\\_Summary.pdf](http://apps.who.int/adolescent/second-decade/files/1612_MNCAH_HWA_Executive_Summary.pdf)
  9. Borges LS, Alencar, HM. Violências no cenário brasileiro: fatores de risco dos adolescentes perante uma realidade contemporânea. *J Hum Growth Dev.* 2015;25(2):194-203. DOI: <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.103015>
  10. Schmid M, Goldbeck L, Nuetzel J, Fegert J. Prevalence of mental disorders among adolescents in German youth welfare institutions. *Child Adolesc Psychiatry Ment Health.* 2008;2(1):2. DOI: <http://dx.doi.org/10.1186/1753-2000-2-2>
  11. Brasil. Presidência da República. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil.* 1990.
  12. Gonzalez AC, Wathier-Abaid JL, Dell'Aglia DD. Adolescência, acolhimento institucional e convivência familiar: Um retrato sobre a garantia de direitos. In: Magalhães CMC, Cavalcante LIC, Pontes FAR, Silva SSC, Corrêa LS. *Contextos ecológicos do desenvolvimento humano I.* Belém: Paka-Tatu; 2011.
  13. Erikson EH. *The life cycle completed.* New York: Norton & Company; 1997.
  14. Marcia JE. Development and validation of ego identity status. *J Pers Soc Psychol.* 1966;3(5):551-8. DOI: <http://dx.doi.org/10.1037/h0023281>
  15. Schoen-Ferreira TH, Aznar-Farias M, Silvares EFM. Desenvolvimento de identidade em adolescentes estudantes do Ensino médio. *Psicol Reflex Crit.* 2009;22(3):41-8. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722009000300002>
  16. Aznar-Farias M, Schoen-Ferreira TH. Estados de identidade: uma análise da nomenclatura. *Aletheia.* 2007;(26):62-6.
  17. González ZJJ, Cuéllar AI, Miguel JMT, Desfilis ES. El desarrollo de la identidad en la adolescencia y adultez emergente: Una comparación de la identidad global frente a la identidad en dominios específicos. *An Psicol.* 2009;25(2):316-29.
  18. Solomontos-Kountouri O, Hurry J, Peck S. Political identity types: the role of the content and the context on identity. *Neapolis University Pafos;* 2015. [cited 2017 Jan 21]. Available from: <http://hephaestus.nup.ac.cy/bitstream/handle/11728/7096/Political-Identity-Types.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
  19. Cid MT, Espadalé MNP, Carreras FB, Fernández LM. Estudio sobre el desarrollo de la identidad em la adolescência. *Tendencias Pedagógicas.* 2013;(21):211-4.
  20. Sandhu D, Singh B, Tung S, Kundra N. Adolescent identity formation, psychological well-being, and parental attitudes. *Pakistan J Psychol Res.* 2012;27(1):89-105.
  21. Sandhu D. Predictive factors of health-risk behaviours among male adolescents. *Pakistan J Psychol Res.* 2015;30(1):1-19.
  22. Jones RM, Vaterlaus JM, Jackson MA, Morrill TB. Friendship characteristics, psychosocial development, and adolescent identity formation. *Pers Relatsh.* 2014;21(1):51-67. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/pere.12017>
  23. Schoen-Ferreira TH, Aznar-Farias M, Silvares EFM. A construção da identidade em adolescentes: Um estudo exploratório. *Estud Psicol.* 2003;8(1):107-15. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2003000100012>
  24. Schoen-Ferreira TH, Meneghelli N, Aznar-Farias M. Validação semântica do Extended Objective Measure of Ego Identity Status 2 - EOMEIS-2. In: *Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica.* Porto Alegre: Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica; 2005.
  25. Bennion LD, Adams GR. A revision of the extended version of the Objective Measure of Ego Identity Status: An identity instrument for use with late adolescents. *J Adolesc Res.* 1986;1(2):183-198. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/074355488612005>
  26. Bergh S, Erling A. Adolescent identity formation: A swedish study of identity status using the EO-MEIS-II. *Adolescence.* 2005;40(158):377-96.
  27. Constantino P, Assis SG, Mesquita VSF. Crianças, adolescentes e famílias em SAI. In: Assis SG, Farias LOP. *Levantamento nacional das crianças e adolescentes em serviço de acolhimento.* São Paulo: Hucitec; 2013; p.161-220.

**Abstract**

**Introduction:** The development of adolescents living outside the environment of their families and residing in institutional shelters presents peculiar characteristics in the interactions established in their daily lives and the constitution of their identities. Erikson's psychosocial theory studies identity formation, observing exploration and commitment. Identity status can be classified as identity diffusion, foreclosure, moratorium, and identity achievement.

**Objective:** To evaluate identity status of adolescents living in institutional shelters.

**Methods:** Eighty-seven adolescents living in institutional shelters (age 12–17) individually responded to the Extended Objective Measure of the Ego Identity Status II (EOMEIS II). The data were analysed using descriptive and inferential statistics which included the following variables: gender, age range, schooling, and time of sheltering.

**Results:** There was a prevalence of the identity diffusion status in both genders, regardless of the length of schooling and despite the time of sheltering. There were differences in the results considering age range ( $p = 0,033$ ).

**Conclusion:** Older adolescents showed greater losses in identity development, with more negative and immature states of identity, indicative of poor preparation for leaving the institution (at age 18).

**Keywords:** identity, adolescence, institutional shelters, identity status, EOMEIS II.

©The authors (2017), this article is distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided you give appropriate credit to the original author(s) and the source, provide a link to the Creative Commons license, and indicate if changes were made. The Creative Commons Public Domain Dedication waiver (<http://creativecommons.org/publicdomain/zero/1.0/>) applies to the data made available in this article, unless otherwise stated.